Revista COOPEX (ISSN:2177-5052)

A Importância Vital do Cuidado Humanizado: Na Experiência Universitária em Saúde

The Vital Importance of Humanized Care: In the University Health Experience

Erica Daiane Oliveira Barros[1]
Iara Cardoso Dantas[2]
Junior Cleber Barbosa da Silva[3]
Andréia de Oliveira Militão Medeiros[4]

RESUMO: Este trabalho abordou estratégias de humanização no ambiente hospitalar, com foco em diversas práticas, incluindo palhaçoterapia, musicoterapia e outras intervenções artísticas. O objetivo central foi explorar como essas abordagens multidisciplinares contribuem para promover a humanização, melhorando a qualidade do atendimento e criando ambientes mais acolhedores e centrados no paciente. Os resultados revelam que a humanização no ambiente hospitalar exige uma mudança cultural e a adoção de práticas centradas no paciente. Estratégias como palhaçoterapia e musicoterapia se destacam na mitigação do estresse e na promoção do bem-estar emocional dos pacientes. A valorização da subjetividade do paciente é fundamental para o sucesso de práticas humanizadas. Além disso, a participação abrangente da equipe de saúde é crucial para a implementação eficaz dessas estratégias, evidenciando a importância de uma abordagem multidisciplinar na busca por um cuidado mais humano e abrangente. A implementação de estratégias humanizadas, incluindo palhaçoterapia e musicoterapia, demonstra ser uma abordagem valiosa para melhorar a qualidade do cuidado e criar ambientes mais acolhedores nos contextos hospitalares. A promoção da humanização não apenas beneficia os pacientes, mas também contribui para o bem-estar e satisfação dos profissionais de saúde. A conscientização, sensibilização e envolvimento contínuo de toda a equipe são fundamentais para o sucesso dessas práticas, consolidando a importância de uma abordagem multidisciplinar na busca por um cuidado mais humanizado e integral.

Palavras-chave: Humanização; Ambiente Hospitalar; Profissionais; Saúde.

ABSTRASCT: This work addressed humanization strategies in the hospital environment, focusing on various practices, including clown therapy, music therapy, and other artistic interventions. The main objective was to explore how these multidisciplinary approaches contribute to promoting humanization, improving the quality of care, and creating more patient-centered and welcoming environments. The results reveal that humanization in the hospital setting requires a cultural shift and the adoption of patient-centered practices. Strategies such as clown therapy and music therapy stand out in alleviating stress and promoting the emotional well-being of patients. Valuing the subjectivity of the patient is crucial for the success of humanized practices. Furthermore, the comprehensive involvement of the healthcare team is crucial for the effective implementation of these strategies, highlighting the importance of a multidisciplinary approach in the pursuit of more humane and comprehensive care. The implementation of humanized strategies, including clown therapy and music therapy, proves to be a valuable approach to improving the quality of care and creating more welcoming environments in hospital contexts. The promotion of humanization not only benefits patients but also contributes to the well-being and satisfaction of healthcare professionals. Awareness, sensitivity, and ongoing engagement of the entire team are essential for the success of these practices, underscoring the importance of a multidisciplinary approach in the pursuit of more humanized and holistic care.

Keywords: Humanization; Hospital Environment; Professionals; Health**.**

DOI: 10.61223/coopex.v15i3.959

[1]Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos – PB erinadayanest@gmail.com
[2]Discente do Curso de Nutrição do Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos – PB iaracardoso.dc@gmail.com
[3] Discente do Curso de Biomedicina do Centro Universitário de Patos - UNIFIP - Patos – PB Cleberjunior892@gmail.com
[4] Docente dos Cursos de Biomedicina, Psicologia e do Núcleo de Integração Disciplinar do Centro Universitário de Patos – UNIFIP – PB andreiamilitao@fiponline.edu.br

INTRODUÇÃO

A Organização Mundial de Saúde conceitua saúde como "um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doença ou enfermidade". Este conceito, intrincado e abrangente, exige uma abordagem que transcenda o modelo mecanicista de atenção à saúde, o qual focaliza exclusivamente a doença (FURLAN et al., 2020). Nesse sentido, torna-se imperativo adotar uma perspectiva humanizada por parte dos profissionais de saúde, atentando-se às necessidades específicas de cada indivíduo (FURLAN et al., 2020).

O Sistema Único de Saúde (SUS) busca não apenas diagnosticar, mas prevenir doenças e promover a saúde (BAUMGÄRTNER, 2022). Fundamentado em princípios de universalidade, equidade, integralidade e incorporação de tecnologias emergentes, o SUS visa implementar políticas públicas e iniciativas inovadoras na área da saúde.

Conforme destacado pelo Ministério da Saúde (MS), a humanização refere-se à valorização dos usuários, trabalhadores e gestores no processo de produção de saúde. A Política Nacional de Humanização (PNH), em vigor desde 2003, busca concretizar os princípios do SUS no cotidiano das práticas de atenção e gestão, aprimorando a qualidade dos serviços de saúde no Brasil e promovendo interações solidárias entre gestores, profissionais e usuários. A PNH deve ser integralmente incorporada em todas as políticas e programas do SUS.

O presente tema destaca a importância dos cuidados empáticos tanto para pacientes hospitalizados quanto para estudantes na experiência universitária. O cuidado empático demanda dos profissionais de saúde respeito, ética, compreensão profissional, sensibilidade e habilidades interpessoais, além de uma abordagem abrangente à saúde do paciente em tratamento clínico. Como afirmado por Jonas et al. (2013), a humanização da assistência à saúde está intrinsecamente ligada à nossa habilidade de comunicar, ouvir e dialogar com o paciente.

Além disso, as experiências no ambiente hospitalar são cruciais para o desenvolvimento de habilidades interpessoais, capacitando os estudantes a lidar com diversas personalidades, culturas e situações fundamentais para construir relações de confiança e assegurar um ambiente acolhedor e respeitoso para os pacientes em tratamento médico.

O ambiente hospitalar, muitas vezes desprovido de acolhimento, e os procedimentos invasivos associados ao tratamento constituem uma experiência desafiadora que impacta o bem-estar dos internos, podendo resultar na recusa dos serviços de saúde (Silva et al., 2021). A atenção humanizada em atendimentos pediátricos é especialmente crucial, dado que as crianças são particularmente sensíveis e vulneráveis, demandando suporte profissional e familiar delicado e empático, proporcionando um ambiente acolhedor que transmita segurança e conforto.

Nessa perspectiva, a criação de um ambiente hospitalar seguro, com a presença de palhaços que proporcionam sorrisos, busca estabelecer gradualmente uma relação de confiança e amizade, transmitindo alegria, empatia e conexões com o público infantil. O sorriso, como expressão de humanização, transcende as fronteiras do conhecimento técnico, proporcionando um cuidado centrado no paciente, permitindo que os profissionais em formação reconheçam para além dos sintomas, considerando a integridade do ser humano.

Essa abordagem contribui não apenas para a qualidade do atendimento, mas também para o desenvolvimento de profissionais mais sensíveis, empáticos e dedicados ao bem-estar físico e mental dos indivíduos.

METODOLOGIA

O presente estudo adota uma abordagem metodológica de revisão bibliográfica com caráter descritivo. A pesquisa foi conduzida por meio do portal de periódicos da CAPES, da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e do Google Acadêmico, utilizando os descritores "Humanização", "Ambiente Hospitalar", "Profissionais" e "Saúde". Quinze artigos foram identificados durante as buscas, e, após uma análise dos títulos e resumos, cinco trabalhos foram selecionados para uma análise mais aprofundada.

Os critérios de seleção incluíram a disponibilidade integral dos trabalhos, a publicação nos últimos cinco anos (2018-2023), a redação em português, a gratuidade de acesso além de uma abordagem temática alinhada aos objetivos específicos deste estudo. Essa seleção visa garantir a relevância e atualidade dos materiais utilizados na revisão bibliográfica.

RESULTADOS

Os resultados desta revisão consistem na extração de dados relacionados aos títulos, autores, ano de publicação, objetivos e resultados dos estudos escolhidos. Os principais achados estão resumidos na tabela a seguir. Todos os artigos destacam a importância da humanização da assistência no contexto hospitalar, abordando diversas estratégias para esse propósito. Além disso, muitos trabalhos discutem a eficácia da palhaçoterapia na pediatria, bem como a aplicação da musicoterapia, com uma ênfase predominante em estudos voltados para o público pediátrico.

TITULOS, AUTORES E ANO DE PUBLICAÇÃO	OBJETIVOS	RESULTADOS

BATALHA, Júlio César Raduan et al. Musicoterapia e seus efeitos no ambiente hospitalar. 2022.	Compreender a importância da música como uma prática presente no ambiente hospitalar e na assistência de enfermagem	Com base nos estudos encontrados, podemos perceber que há tempos a música vem sendo utilizada como uma forma terapêutica, não farmacológica, para alívio de certos sintomas físicos e mentais, em pacientes e funcionários dentro de uma unidade de saúde, com isso sensibilizando o cuidado, gerando um trabalho mais humanizado. Portanto, com essa análise, buscamos listar os impactos da música em diferentes setores do cuidado, identificar os efeitos da musicoterapia em pacientes, profissionais de saúde do âmbito hospitalar, e assim ressaltar a importância dessa prática junto a assistência de enfermagem
CATAPAN, Soraia de Camargo; OLIVEIRA, Walter Ferreira de; ROTTA, Tatiana Marcela. Palhaçoterapia em ambiente hospitalar: uma revisão de literatura. 2019.	Compreender e analisar o conhecimento científico produzido nacional e internacionalmente sobre a palhaçoterapia em ambiente hospitalar.	A literatura analisada aponta que a palhaçoterapia provoca diminuição significativa da ansiedade pré-operatória em crianças, comparativamente maior do que a obtida com o uso de um fármaco indutor de anestesia. A maior parte dos estudos investigou o uso da palhaçoterapia na adaptação à hospitalização, auxiliando na atribuição de novos significados. Apesar da baixa representatividade do tema no campo científico e mesmo não sendo amplamente aceita como prática de saúde, os resultados encontrados sugerem benefícios na utilização da palhaçoterapia em ambiente hospitalar.
DE OLIVEIRA FERREIRA, Julyenne Dayse et al. Estratégias de humanização da assistência no ambiente hospitalar: revisão integrativa. 2021.	Identificar e analisar a produção de conhecimento acerca das estratégias que as instituições e profissionais de saúde têm implementado para humanizar a assistência nesse ambiente.	No total, 19 artigos compuseram o corpo de análise da revisão e sintetiza exemplos de estratégias implementadas em diversos serviços hospitalares: práticas lúdicas no cuidado através de brinquedos, projetos como Biblioteca Viva, terapias através de palhaços e animais, músicas, e a leitura mediada.
DO NASCIMENTO DOURADO, Carollyna Alves et al. A criança no ambiente hospitalar e o processo de humanização. 2022.	Conhecer a respeito do processo de humanização que o profissional de saúde, em especial o da enfermagem, oferece ao paciente pediátrico no ambiente hospitalar, isso por meio da revisão sistemática da literatura.	Os resultados encontrados mostraram aspectos como: participação da família, adequação do ambiente de internação, incorporação do lúdico, humanização da assistência perinatal e cuidado integral.

PROENÇA, Rosa; VAZ, Henrique; PAIS, Sofia Castanheira. Papel da formação profissional contínua no processo de humanização do ambiente hospitalar. 2021.	Refletir e trazer para a discussão o conceito humanização em saúde e as últimas orientações do Serviço Nacional de Saúde (SNS) para a humanização dos hospitais portugueses.	Os dados encontrados neste estudo realizado num hospital apontam, precisamente, para a necessidade de a formação contínua dos hospitais atender mais ao seu lado interativo e reflexivo, condições que a aproxima dos princípios da humanização.

DISCUSSÕES

Segundo as considerações de Proença, Rosa; Vaz, Henrique; Pais, Sofia Castanheira (2021), no âmbito da saúde, a humanização tem ganhado destaque nos debates contemporâneos acerca da necessidade de as instituições de saúde adotarem estratégias de intervenção humanizada. Essas estratégias são direcionadas não apenas aos usuários dos serviços de saúde, mas também aos profissionais que atuam nesse ambiente. O conceito de humanização, quando aplicado aos serviços de saúde, remete à preservação da dignidade e ao respeito pelos valores humanos, especialmente no contexto fundamental da prestação de cuidados de saúde.

Conforme destacado por Nascimento Dourado (2022) na discussão sobre humanização, esse processo tem sua base na individualidade de cada pessoa, moldada por sua cultura e valores, e, portanto, é variável de indivíduo para indivíduo. A expressão da humanização se manifesta por meio da linguagem, tanto verbal quanto não verbal, sendo especialmente perceptível pelos pacientes. Ao nos aproximarmos deles para realizar procedimentos, é notável que direcionam seu olhar para nossos rostos, independentemente da natureza técnica da intervenção que será realizada. Essa ação evidencia a expectativa dos pacientes em compreender as emoções e intenções dos profissionais de saúde ao prestarem cuidados, já que, muitas vezes, não têm a capacidade de avaliar tecnicamente o trabalho realizado.

De acordo com as reflexões de Nascimento Dourado (2022), inicialmente, as iniciativas de humanização visavam tornar o ambiente hospitalar mais acolhedor, introduzindo atividades lúdicas, lazer, entretenimento e expressões artísticas, além de promover melhorias na estética dos serviços. Embora essas ações não tenham inicialmente abalado ou modificado substancialmente a estrutura organizacional do trabalho, o modelo de gestão ou a vida das pessoas, desempenhavam o papel crucial de proporcionar válvulas de escape para mitigar o sofrimento inerente ao ambiente hospitalar, tanto para pacientes quanto para profissionais de saúde.

Ao longo do tempo, essa concepção foi ganhando consistência, resultando em mudanças mais significativas na rotina hospitalar. Exemplos notáveis incluem a implementação de práticas

como visitação livre, a presença de acompanhantes e a oferta de dietas personalizadas. Essas transformações indicam uma evolução no entendimento da humanização, transcendendo as simples melhorias superficiais para incorporar aspectos mais profundos e estruturais nas práticas e políticas hospitalares.

Segundo a análise de Proença; Vaz; Castanheira (2021), a compreensão da humanização no âmbito da saúde abarca não apenas os deveres, mas também os direitos dos profissionais de saúde a condições de trabalho que sejam igualmente dignas, justas e valorizadas. Dada a natureza altamente complexa e dinâmica desse processo, a perspectiva de Souza e Maurício (2018, p. 500) enfatiza que "como política, a humanização na saúde direciona práticas assistenciais e de formação, exigindo o engajamento de todos os envolvidos".

Nesse contexto, destaca-se a iniciativa do Sistema Nacional de Saúde (SNS), que, em 2019, implementou um programa dedicado à humanização nos hospitais. Este programa compromete as instituições hospitalares a adotarem medidas que promovam a humanização do ambiente hospitalar. O programa incorpora ações abrangentes em toda a estrutura hospitalar, englobando aspectos como os espaços físicos e a qualidade, com especial ênfase nas atitudes e comportamentos. Estes são considerados expressões máximas dos valores humanos e do respeito à dignidade da pessoa (Proença; Vaz; Castanheira, 2021).

Conforme Oliveira Ferreira (2021) observa que, o ambiente hospitalar é inerentemente tenso e frequentemente desgastante para os pacientes. Mesmo diante do amplo suporte tecnológico disponível, este não é capaz de substituir o contato humano, a sensibilidade, a atenção e o cuidado. Diante dessa realidade, a humanização no ambiente hospitalar se torna um tema de grande relevância discutido intensamente na formação de profissionais de saúde. Essa discussão visa prepará-los para agir de maneira a proporcionar atendimentos que sejam o mais adequados possível.

A implementação de estratégias, especialmente aquelas relacionadas ao projeto Humaniza SUS, desempenha um papel crucial ao adaptar os serviços ao ambiente e às necessidades dos usuários. Isso se traduz em uma atmosfera acolhedora, particularmente no contexto hospitalar, onde se busca desenvolver práticas que promovam um cuidado mais humano e centrado no paciente.

Segundo as constatações de Oliveira Ferreira (2021), a análise da maioria dos artigos revela que a humanização do ambiente hospitalar recebe uma ênfase particular quando direcionada ao público pediátrico. Esse foco permite que os pesquisadores avaliem a eficácia das estratégias implementadas nessa unidade específica. Entre as estratégias mais destacadas, observa-se a utilização de práticas lúdicas no cuidado, que incorporam elementos como brinquedos, projetos

como a Biblioteca Viva, terapias envolvendo palhaços e animais, músicas e a leitura mediada. Essas abordagens visam criar um ambiente hospitalar mais acolhedor e adaptado às necessidades específicas das crianças, evidenciando a importância de considerar a humanização de maneira especializada para diferentes grupos de pacientes.

Ainda na pesquisa conduzida por Oliveira Ferreira (2021), observou-se uma ampla utilização da leitura mediada, a qual teve impactos positivos no comportamento das crianças hospitalizadas. Além de proporcionar distração, essa prática contribuiu para a minimização do estresse associado à hospitalização. Adicionalmente, a leitura mediada facilitou a interação entre a criança e a equipe de saúde, criando um ambiente mais alegre e tranquilo. Sua influência se estendeu à facilitação de diálogos e relacionamentos, sendo reconhecida pela equipe assistencial como um recurso terapêutico valioso no processo de recuperação.

Diante desses resultados, destaca-se a importância de sensibilizar toda a equipe multiprofissional sobre a relevância do brincar no ambiente hospitalar. Tal conscientização visa promover um ambiente mais agradável para as crianças durante o período de hospitalização, destacando a necessidade de integrar práticas lúdicas como parte integral do cuidado pediátrico.

Outra estratégia destacada pelo autor são as oficinas de sensibilização, concebidas para aprimorar o processo de trabalho e o bem-estar dos profissionais. Estas oficinas foram desenvolvidas com o propósito de humanizar o ambiente hospitalar, buscando estabelecer padrões de cuidados mais centrados no ser humano. Além disso, visavam aprimorar as condições de trabalho e atendimento, promovendo relações mais harmoniosas entre os colaboradores, a equipe e a liderança.

Entretanto, observa-se um déficit em relação às estratégias direcionadas à melhoria do processo de trabalho humanizado, à ambiência e ao bem-estar dos profissionais. Entre os desafios identificados estão a falta de motivação, o reduzido empenho e a escassez de iniciativa por parte dos profissionais, além da insuficiência de recursos para a implementação efetiva dessas estratégias. Nesse contexto, torna-se crucial sensibilizar os gestores dos serviços para o panorama proposto pela ambiência, destacando a importância da construção de um espaço que favoreça as relações interpessoais e proporcione uma atenção acolhedora, humana e resolutiva.

Conforme delineado por Catapan, Soraia de Camargo; Oliveira, Walter Ferreira de; Rotta, Tatiana Marcela (2019), a prática da palhaçoterapia no Brasil teve início em 1991, introduzida por Wellington Nogueira, que, após trabalhar na Clown Care Unit em Nova Iorque, fundou os Doutores da Alegria. Essa organização da sociedade civil exerceu uma influência significativa, tanto na implementação prática quanto na pesquisa relacionada à palhaçoterapia.

Segundo os autores supracitados, um levantamento realizado em 2012 apontou que mais de 700 grupos, compostos por palhaços profissionais e amadores, conduzem ações e programas de formação de palhaços em hospitais no Brasil, e numerosos outros grupos atuam em escala global. Além dos benefícios terapêuticos oferecidos aos pacientes internados, muitos desses projetos também têm como objetivo proporcionar uma formação mais humanística aos seus participantes, frequentemente compostos por estudantes universitários de diversas áreas.

Conforme destacado por Catapan, Soraia de Camargo; Oliveira, Walter Ferreira de; Rotta, Tatiana Marcela (2019), a atuação de palhaços em ambientes hospitalares busca integrar práticas de cuidado eficientes com abordagens mais humanizadas, alinhadas ao conceito ampliado de saúde. Esse enfoque considera o ser humano em sua totalidade, indo além do corpo físico, e reorienta a centralidade do cuidado. Nesse novo paradigma, a doença, o paciente ou seus sintomas físicos deixam de ser o foco principal, sendo substituídos pela pessoa em sua nova realidade institucionalizada e pelos sentimentos decorrentes dessas mudanças.

A palhaçoterapia abrange diversas definições, nomenclaturas, atores, finalidades, abordagens e públicos. Uma definição proposta por Dionigi et al. considera a palhaçoterapia como a "implementação de técnicas de palhaço derivadas da arte circense, adaptadas ao contexto da doença, com o objetivo de melhorar o humor das pessoas e seu estado mental" (tradução dos autores). Esta abordagem concentra-se nas necessidades subjetivas dos pacientes, muitas vezes não expressas em queixas ou registros médicos, direcionando as interações e improvisos realizados pelos palhaços.

De acordo com as pesquisas conduzidas por Catapan, Soraia de Camargo; Oliveira, Walter Ferreira de; Rotta, Tatiana Marcela (2019), a análise das 18 publicações revelou uma diversidade de formatos de pesquisa. Incluídos nesse conjunto, estão um capítulo de livro, dois artigos com análise de dados secundários, abrangendo uma revisão de literatura e uma meta-análise. As demais 15 pesquisas englobaram a coleta de dados primários, compreendendo 14 artigos e uma tese. Dessas, nove concentraram-se exclusivamente em crianças, enquanto seis, além de abordarem crianças, também incluíram seus pais ou responsáveis. Destaca-se a ausência de estudos centrados nos efeitos e nas aplicações da palhaçoterapia em pacientes adultos hospitalizados, mesmo diante da presença de grupos de palhaços que realizam visitas a pacientes adultos em hospitais no Brasil e ao redor do mundo.

Conforme destacado por Batalha, Júlio César Raduan et al. (2022), a utilização da música como uma forma de terapia remonta ao início da história humana e evoluiu ao longo do tempo. Registros escritos de diversas culturas antigas indicam o emprego dessa arte como meio de proporcionar conforto físico, mental e espiritual. Os primeiros relatos escritos remontam a papiros

egípcios por volta de 1899, e há também informações sobre a prática na Grécia Antiga. Na visão dessa cultura, que concebia as doenças como desequilíbrios nos elementos constituintes da natureza humana, a música era empregada para restabelecer a ordem e harmonia por meio de seus sons.

Conforme mencionado anteriormente pelo autor, o pioneirismo na aplicação da música como prática de humanização e cuidado em saúde remonta a 1859, quando a enfermeira Florence Nightingale a introduziu. Ao longo do tempo, essa abordagem foi progressivamente aprimorada, destacando-se a contribuição significativa de Isa Maund Ilsen, uma musicista e enfermeira. Ilsen desempenhou um papel fundamental ao fundar a "Associação Nacional de Música nos Hospitais" nos Estados Unidos e ao liderar a primeira aula oficial de musicoterapia na Universidade da Columbia. Seu trabalho visava aplicar a música no tratamento da dor física e emocional de soldados feridos durante a Primeira Guerra Mundial.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a terapia musical ressurgiu em hospitais, revelando seus efeitos relaxantes e sedativos. Na Argentina, essa prática ganhou destaque, especialmente após a epidemia de poliomielite. O desenvolvimento contínuo dessa abordagem resultou na criação dos primeiros cursos de formação de musicoterapeutas, estabelecidos na Argentina e nos Estados Unidos no século XX, logo após o término da Segunda Guerra Mundial.

De acordo com Batalha, Júlio César Raduan et al. (2022), tanto no Brasil quanto no restante do mundo, a percepção dos benefícios do uso da musicoterapia na área da saúde resultou na criação do primeiro curso de especialização em Musicoterapia no Paraná, em 1970, na antiga Faculdade de Educação Musical do Paraná (FEMP). Contudo, somente em 1972, o "Conservatório Brasileiro de Música" no Rio de Janeiro inaugurou o primeiro curso de Graduação em Musicoterapia. Em 1978, por meio do parecer N° 829/78 do Conselho Federal de Educação, a musicoterapia foi oficialmente reconhecida como uma carreira de nível superior. Em 2001, o exercício da profissão de musicoterapeuta foi regulamentado após a aprovação do projeto de lei N° 4827/2001.

Atualmente, a Musicoterapia, identificada sob o número 2263-05, está integrada à Classificação Brasileira de Ocupações - CBO e é parte das práticas integrativas complementares à saúde do Sistema Único de Saúde (SUS). A disciplina já está presente em unidades básicas de saúde em todo o país, assim como em hospitais e diversas instituições privadas.

Segundo o autor, a busca pela humanização da assistência visa assegurar uma melhoria na qualidade do atendimento de saúde oferecido aos usuários e proporcionar condições de trabalho mais favoráveis aos profissionais. No contexto hospitalar, esse objetivo envolve a transformação das abordagens tradicionais de gestão e prestação de assistência à saúde, com o estímulo ao uso da arte como uma ferramenta terapêutica.

A valorização da pessoa humana, considerada como um sujeito histórico e social, constitui a essência do cuidado humanizado. Vale destacar que para promover esse processo no ambiente hospitalar, não são necessários grandes investimentos em infraestrutura ou adaptações físicas. O essencial reside na sensibilização da equipe multidisciplinar para a reflexão sobre a realidade vivenciada em seu local de trabalho.

A atuação do musicoterapeuta transcende a simples execução de músicas, envolvendo o emprego de diversos recursos para compreender as necessidades individuais de cada paciente. Dominar a utilização das linguagens sonora, verbal e corporal constitui o princípio fundamental dessa abordagem. Inicialmente, o musicoterapeuta emprega audições musicais, atividades rítmicas e a percepção de sons corporais, instrumentais e vocais, buscando identificar as estratégias mais benéficas para o paciente (Batalha et al., 2022).

Antes de iniciar o tratamento, ocorre uma entrevista para mapear o histórico pessoal do cliente, a partir do qual é elaborado um histórico sonoro-musical. Em seguida, são realizados testes auditivos para compreender como esses sons são percebidos. Cada caso demanda uma abordagem específica, e, por isso, as sessões podem variar, não necessariamente começando com relaxamento. Para pacientes que enfrentam ansiedade, depressão e estresse, é comum recomendar uma fase inicial de relaxamento (Batalha et al., 2022).

A musicoterapia se desdobra em duas modalidades: receptiva e ativa. Na abordagem receptiva, sons da natureza e música do gênero "new age" são empregados para acalmar o paciente. Contudo, devido à singularidade de cada caso, é essencial considerar as preferências musicais do cliente, uma vez que o gênero escolhido pode, em algumas situações, provocar efeitos contrários, como irritação (Batalha et al., 2022).

O musicoterapeuta, ao selecionar músicas, precisa ser cauteloso, optando por composições eruditas, trilhas sonoras de filmes e canções relaxantes, embora estas, em determinados momentos da terapia, possam despertar sentimentos indesejados, prejudicando o tratamento. Nesse contexto, surge a modalidade ativa, na qual o paciente interage diretamente com instrumentos como violão, piano, teclados, sintetizadores e percussões, como pandeiros e bongôs (Batalha et al., 2022).

Em algumas situações, a integração de outras terapias, como arteterapia, cantoterapia e psicologia, pode ser necessária durante esse processo. Outra modalidade utilizada é a ativa, mais centrada na audição de músicas e sons, estimulando a expressão por meio de desenhos, escrita ou modelagem. O propósito é potencializar a criatividade do paciente, sendo o psicodrama uma ferramenta adicional que utiliza voz, corpo e instrumentos de maneira integrada. Os musicoterapeutas buscam conduzir sessões de forma direcionada, alinhadas aos objetivos e às necessidades específicas de cada indivíduo (Batalha et al., 2022).

CONCLUSÃO

Diante das diversas estratégias discutidas para promover a humanização no ambiente hospitalar, é evidente que a abordagem multidisciplinar é crucial para alcançar resultados significativos. As práticas como a palhaçoterapia, a musicoterapia e outras formas de intervenção artística têm se destacado como ferramentas valiosas para melhorar a qualidade do atendimento, proporcionar alívio emocional aos pacientes e criar ambientes mais acolhedores.

A humanização, entendida como o cuidado centrado na pessoa, vai além da mera aplicação de técnicas e exige uma mudança cultural nas instituições de saúde. A ênfase na valorização da subjetividade do paciente, respeitando seus valores e necessidades, é fundamental. A incorporação de práticas humanizadas não só impacta positivamente os pacientes, mas também contribui para o bem-estar e a satisfação dos profissionais de saúde, criando ambientes mais saudáveis e produtivos.

A literatura revisada aponta para a importância de estratégias diversas e adaptáveis, considerando as características específicas de cada paciente e contexto. A implementação eficaz dessas práticas requer sensibilidade, flexibilidade e uma abordagem personalizada. Além disso, a conscientização e o envolvimento de toda a equipe de saúde são essenciais para a efetiva promoção da humanização.

Conclui-se que investir em ações que priorizem a humanização no cuidado em saúde não só melhora a experiência do paciente, mas também contribui para uma prática clínica mais ética, compassiva e eficaz. Dessa forma, é imperativo que gestores, profissionais de saúde, universitários e demais envolvidos no processo reconheçam a relevância dessas práticas e trabalhem em conjunto para sua implementação e aprimoramento contínuo, visando uma assistência mais humana e integral.

REFERÊNCIAS

BAUMGÄRTNER, Lucas Vitor. Princípios, diretrizes e objetivos do Sistema Único de Saúde, da Política Nacional de Atenção Básica e do Núcleo Ampliado de Saúde da Família e Atenção Básica. In: **e-Publicar** Aportes teóricos, prática e inovação em ciências da saúde, Volume 1, 2022. Páginas 105-119.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Humanização – Humaniza SUS. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/humanizasus\. Acesso em: 10 de dezembro de 2023.

BATALHA, Júlio César Raduan et al. Musicoterapia e seus efeitos no ambiente hospitalar. Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento , v. 11, n. 6, pág. e12411626747-e12411626747, 2022.

CATAPAN, Soraia de Camargo; OLIVEIRA, Walter Ferreira de; ROTTA, Tatiana Marcela. Palhaçoterapia em ambiente hospitalar: uma revisão de literatura. Ciência & saúde coletiva, v. 24, p. 3417-3429, 2019.

DE OLIVEIRA FERREIRA, Julyenne Dayse et al. Estratégias de humanização da assistência no ambiente hospitalar: revisão integrativa. Revista Ciência Plural, v. 7, n. 1, p. 147-163, 2021.

DIONIGI, A.; FLANGINI, R.; GREMIGNI, P. Clowns in Hospitals. In: DIONIGI, A.; FLANGINI, R.; GREMIGNI, P. Humor and Health Promotion. New York: Nova Science Publishers, 2012. p. 213-227.

DO NASCIMENTO DOURADO, Carollyna Alves et al. A criança no ambiente hospitalar e o processo de humanização. Concilium, v. 22, n. 4, p. 359-377, 2022.

FURLAN, L. V.; SILVEIRA, K. S. S.; AMARAL, A. I. D. Humanização na prática dos profissionais da saúde. **Revista Inova Saúde**, Criciúma, v. 10, n. 2, 2020. DOI: http://dx.doi.org/10.18616/inova.v10i2.5590. Disponível em: http://periodicos.unesc.net/Inovasaude/article/view/5590. Acesso em: 16 de novembro de 2023

JONAS, Marcela Fonseca et al. O Lúdico como Estratégia de Comunicação para a Promoção do Cuidado Humanizado com a Criança Hospitalizada. Revista Brasileira de Ciências da Saúde, Volume 17, Número 4, Páginas 393-400, 2013. ISSN 1415-2177. DOI: 10.4034/RBCS.2013.17.04.11.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. O que significa ter saúde? Muito além da ausência de doenças, é preciso considerar o bem-estar físico, mental e social. Publicado em 07/08/2020. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-brasil/eu-quero-me-exercitar/noticias/2021/o-que-significa-ter-saude\. Acesso em: 10 de dezembro de 2023.

SILVA, Rosiane Kellen de Oliveira et al. Projeto Resgatar Sorrisos: O Emprego da Terapia do Riso no Cuidado Humanizado. In: VI JORNADA HUPAA. GEPNEWS, Maceió, v. 5, n. 1, p. 259-262, jan./mar. 2021.

SOUZA, D.; MAURÍCIO, J. A Antinomia da proposta de humanização do cuidado em saúde. Saúde e Sociedade, Vol. 27, Nº. 2, pp. 495-505, 2018. DOI: 10.1590/S0104-12902018164811.

PROENÇA, Rosa; VAZ, Henrique; PAIS, Sofia Castanheira. Papel da formação profissional contínua no processo de humanização do ambiente hospitalar. ON 42 ANO XIV. p. 30-37, 2021. https//doi.org/10.31877/on.2021.42.04